
Virgilio Moya. *La selva de la traducción. Teorías traductológicas contemporâneas*. Madri: Cátedra, 2004, 241 p.

Partindo do fato de que a teoria da tradução é algo tão recente quanto o século XX, Virgilio Moya, então professor da Universidad de las Palmas, apresenta um panorama das teorias contemporâneas as quais considera mais significativas dentro dos Estudos da Tradução.

Para o autor, ainda que a grande quantidade de teorias que emergem em torno da tradução nos remeta a uma segunda Babel, a crise que dela deriva traz produtividade e dinamismo. Argumenta que a disciplina *Translation Studies* é uma área, um campo, ou mesmo uma “selva” de investigação que precisa de descrições e não de prescrições e ilustra como situações críticas muitas vezes configuram-se o motor desta incessante busca.

Parecendo-lhe impossível que uma teoria isolada seja capaz de explicar um evento tão complexo como a Tradução, opta por dividir o livro em sete capítulos, cada qual trazendo contribuições relativas às áreas escolhidas.

O caminho por entre as teorias da Tradução é iniciado pela Linguística, pioneira na intenção de sistematizar os estudos da área, e assim, nesse contexto, são abordados o Estruturalismo e Comparatismo de Vinay y Darbelnet e o equivalente textual de Catford.

Segundo Moya, com *Stylistique comparée du français et de l'anglais. Méthode de traduction*, as análises comparatistas de Vinay y Darbelnet abriram caminho para os estudos de tradução e interpretação. Admite que suas descobertas, principalmente no que concerne aos estudos analógicos das línguas, contribuíram para que chegássemos à reflexão tradutológica atual. A ressalva, porém, está em sua apresentação manualística e na restrição do comparatismo, já que segundo ele (citando Delisle, 1984) a tra-

dução de uma língua pode ser um exercício comparativo, mas a tradução de textos configura-se como um exercício interpretativo.

Uma de suas constatações aponta que a teoria linguística vê a tradução como mera operação, enquanto todas as teorias modernas aceitam-na como ato de comunicação intercultural completo. Para Moya, quando Vinay y Darbelnet falam de “disciplina exata” e Catford de “algoritmos de tradução”, estão tentando, com seus exemplos linguísticos, fixar critérios quase universais como se impor soluções dispensasse a busca pela resolução dos diferentes os problemas da tradução.

Ao não levar em conta a palavra “diferença”, a teoria linguística da tradução insistirá no problemático conceito de equivalência, considerado por Moya (citando Snell-Hornby) “o demasiado prescriptivo o demasiado vago y lato para ser útil”.

Se a teoria linguística almejava a busca por correspondentes entre as estruturas superficiais de duas línguas, a teoria de Nida dará ênfase ao sentido, ao receptor

e à sua reação diante do texto traduzido. À sua teoria dinâmica é dedicado o segundo capítulo.

Como membro da Sociedade Bíblica Americana, focará seus estudos na eficácia da comunicação para que a mensagem do livro sagrado possa chegar a culturas diferentes, considerando que a tradução não precisa ser absoluta e pode haver mais do que uma tradução correta. Com Nida, o princípio da comunicação, previamente utilizado em traduções técnicas, passará às traduções literárias e a forma será mantida somente enquanto não comprometer o conteúdo.

Em suas análises sobre a tradução dinâmica ou espiritual defendida por Nida, Moya pondera o quanto uma tradução que beatifica o próprio, dulcificando as complicações pode solucionar ou afastar o leitor da cultura estrangeira, já que o êxito desse modelo mudará de acordo com a função almejada.

Moya questiona-se quem seria esse tradutor dinâmico, ou, segundo ele, tradutor 007 “con licencia para explicitar, omitir,

ampliar, desambiguar y transformar”. Quem seria esse *Übermensch*, que possui todas as respostas, além de lidar com a quase impossível tarefa de saber a intenção do autor? Seria este um processo tradutório exequível se o texto, por sua estrutura aberta, é suscetível a novas interpretações e possui lacunas; que, no fim das contas, só podem ser preenchidas pelo leitor?

O autor reconhece que apesar de a teoria nidiana não ter alcançado todo o rigor científico desejado, esta possui grandes méritos como o de ter aproximado o sociolinguismo das discussões tradutológicas, ampliado o conceito de equivalência, introduzido o conceito da funcionalidade e ter exercido grande influência nos teóricos de tradução da escola alemã. Além disso, oficializou-se a dinamicidade no processo tradutório, liberdade que, quando não ligada à tradução literária, constitui-se como fator revigorador para o profissional de tradução.

A tradução interpretativa, por sua, vez, será abordada como a

prolongação da teoria linguística da tradução por seus enfoques tradutológicos voltados ao texto original, ainda que se diferencie da mesma por não basear-se tão somente na comparação entre línguas, propondo, assim, a tradução contextual. Não se trata de traduzir línguas, mas textos. Desta forma, Moya buscará discorrer sobre os conceitos de compreensão, desverbalização e reformulação, considerados pelos defensores desta teoria as três grandes fases-pilares que a sustentam.

O autor critica a fixação da teoria interpretativa com o texto original e consola-se com o fato de tal prática ter praticamente desaparecido com o advento das teorias polissistêmicas, contudo deve a seus criadores, então pesquisadores da *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs*, a importância de se levar em conta o contexto e a interpretação pessoal do tradutor na elaboração do sentido. Segundo ele, todo esse discurso reflexivo e crítico é de grande valia para os futuros tradutores, antes acostumados a recorrer (nas palavras de Lefevere)

à santíssima trindade “professor-gramática-dicionário.

O quarto capítulo traz a *Skopostheorie*, também conhecida como escola funcionalista alemã. Considerada uma reação às teorias linguísticas dos anos sessenta, possui traços nidianos como o embasamento chomskiano e a secundarização da tradução, sempre a serviço do original. Aqui toda tradução é mediada pela função que deve exercer na cultura de chegada, que pode ou não coincidir com o objetivo proposto no texto de partida. De fato, Nida já antecipava que há tantas formas de se traduzir quanto objetivos tradutórios. Ainda que persista a dependência do texto original, a escola alemã sustentará que o mesmo não será mais o único fator determinante para a tradução.

Para Moya é evidente que se a teoria do *skopos* argumenta que toda tradução está ligada à sua finalidade, é presumível que esta determine a estratégia de tradução a ser seguida e assim proporá ao leitor uma interessante discussão buscando validar a teoria e

indagando-se se os fins realmente justificam os meios.

A defesa dos funcionalistas acerca da tradução contextualizada, e não *in vitro*, é o primeiro passo para que os Estudos da Tradução comecem a pensar de forma polissistêmica, contudo, se a escola alemã se concentra na parte aplicada da tradução, a teoria do polissistema focará sua parte descritiva. Desta forma, Moya buscará dialogar com as contribuições de Holmes, Toury, Even-Zohar e Lefevere, principais nomes neste campo, durante todo o quinto capítulo, elucidando ao leitor as questões mais relevantes dos *Translation Studies* e da teoria polissistêmica.

Em seguida, o autor retomará Derrida através da análise da teoria da desconstrução. Se antes essenciais eram a figura autoral e seu original e acidentais o tradutor e a tradução, com as argumentações do filósofo francês, o foco modifica-se, pois afinal de contas, para os pós-estruturalistas, o original não deixa de ser uma tradução; e logo, a realidade não pode ser atribuída a nenhum

texto, já que um texto sempre derivará de outro.

A este propósito Moya defende a noção de intertextualidade ou a evidência de que todo texto se constrói como um mosaico de encontros enquanto absorção e transformação de outro. A mesma metáfora poderia descrever seu sexto capítulo, um rico e interessante mosaico de encontro das ideias de Derrida, Eco e Benjamin.

A conclusão da caminhada tradutológica do autor caracteriza-se por ceder espaço a uma abordagem insólita em livros similares: o feminismo. Inúmeras são as pesquisas sobre o feminismo na literatura, enfocando, contudo, a questão da autora e não da tradutora.

As feministas, sustenta Moya, sabem como ninguém que o silêncio mata e a palavra vivifica, logo, para elas, a questão da desconstrução está intimamente ligada à decodificação de um juízo de valor presente nas ideias de cunho preconceituoso. As teorias pós-estruturalistas serão, pois, um campo mais do que apropriado para que as feministas possam

entender a tradução como leitura, como ato hermenêutico. Desta forma, quando defendem sua intervenção nos textos que traduzem, estão defendendo seu direito à intertextualidade, a inserir sua voz e sua palavra; porém, o autor atenta para a possibilidade de tal ato deixar o autor sem voz e o leitor sem a possibilidade de aproximar-se do texto. Para ele, as teorias feministas da tradução que retratam a rebelião da mulher e sua condição marginal contra o masculino hierárquico ilustram a mesma relação entre o texto traduzido e seu respectivo original.

Apesar de, ao contrário das feministas, ver o tradutor como figura solitária e não necessariamente figura política ou politizada, que escreve partindo de uma causa, Moya concorda com a importância que esta escola deu para a valorização do profissional de tradução, deixando a tradução de ser uma mera cópia para converter-se em ato de escrita.

Se a palavra está mesmo metade com quem diz e metade com quem escuta, a grande questão levantada pelo autor é: agora que

as mulheres iniciaram a falar e nisso foram muito bem sucedidas, serão os homens capazes de escutá-las?

Esta é apenas uma dentre tantas outras pertinentes indagações que permeiam as páginas de *La selva de la traducción*, transformando uma simples exposição de teorias tradutológicas em um estimulante convite à pesquisa e ao debate.

De fato, como se pode perceber durante toda a leitura, a or-

ganização de conteúdo do livro permite variados enfoques sobre as teorias selecionadas partindo sempre de um ponto de vista diferente. Este recurso mostra-se uma funcional ferramenta seja para os estudiosos de campos específicos quanto para os acadêmicos que necessitam conhecer e confrontar de forma dinâmica as abordagens existentes.

Stella Rivello
UFSC

Ana Maria Garcia Bernardo. *A Tradutologia Contemporânea: Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, 802 p.

Ana Maria Garcia Bernardo tem formação superior em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Nova de Lisboa e Mestrado em Linguística Alemã pela

Universidade de Marburg. No ano de 2000, defendeu sua tese de doutoramento em Estudos Alemães (Linguística Alemã/ Tradutologia), na Universidade Nova de Lisboa, onde também é docente. O livro *A Tradutologia Contemporânea: Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã* resulta de sua tese doutoral e representa uma forma de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em Estudos da Tradução nos países de expressão portuguesa, através das principais